

Tecnologias e mapeamento de redes sociais para o estudo da Antiguidade: o Festival das *Compitalia* e seus atores sociais na Roma augustana

Digital technologies and mapping of social networks for the study of Antiquity: the Festival of the 'Compitalia' and its social actors in Augustan Rome

Debora Casanova da Silva*

Resumo: Atualmente, a maior parte dos esforços para compilar e compartilhar documentos relacionados ao Mundo Antigo tem a tecnologia como aliada. Tanto na criação de mapas digitais quanto na inclusão de documentos epigráficos, numismáticos e iconográficos em plataformas de livre acesso, a tecnologia digital é essencial à realização dos trabalhos científicos sobre a Antiguidade. O presente artigo, que busca abordar essa questão, divide-se em duas partes: uma teórica, voltada a compreender de que forma a área *Digital Classics* sublinha uma das grandes adições atuais às Ciências Humanas, que é a tecnologia digital; e outra, de cunho metodológico, na qual apresentam-se os métodos com suas seleções e escolhas, que possibilitam a criação de um mapa da rede. Como estudo de caso, apresentamos a problemática da rede de conexões construída a partir do contato entre Augusto e os *magistri uici* e a produção das ações e interações religiosas cotidianas, bem como os resultados parciais da reconstituição do mapa elaborado pelo *Digital Augustan Rome*, para alcançar nosso objetivo de demarcar uma rede sobre ele.

Abstract: Today, most efforts to compile and share documents related to the Ancient World have technology as an ally. In both digital mapping and the inclusion of epigraphic, numismatic and iconographic documents on open access platforms, digital technology is essential for scientific work on Antiquity. This article, which seeks to address this question, is divided into two parts: a theoretical one, aimed at understanding how the Digital Classics area underlines one of the great current additions to the Humanities, which is digital technology; and another methodological one, in which the methods with their selections and choices that allow the creation of a map of the network are presented. As a case study, we present the problem of the network of connections built from the contact between Augusto and the *magistri uici* and the production of everyday religious actions and interactions, as well as the partial results of the reconstruction of the map developed by Digital Augustan Rome to reach our goal of demarcating a network over it.

Palavras-chave:

Compitalia;
Rede social;
Magistri uici;
República tardia;
Digital Classics.

Keywords:

Compitalia;
Social network;
Magistri uici;
Late Republic;
Digital Classics.

Recebido em: 05/11/2018
Aprovado em: 10/12/2018

* Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro (UNIRIO), com bolsa da Capes. Professora de História Antiga e Medieval do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECERJ/UNIRIO).

No ano 7 a.C., Augusto completou uma grande reforma urbana que criou quatorze *regiones* como unidades administrativas na cidade. Ao mesmo tempo, ele renomeou os *Lares Compitales* dos santuários de esquina como *Lares Augusti* (*August Lares*), associando seu próprio epíteto (o adjetivo *augustus*) com cultos locais nos bairros, vinte anos depois tomado seu nome “sagrado” (FLOWER, 2017, p. xi).

As redes sociais estiveram presentes em diversas sociedades. Não muito diferente da política republicana em sua origem, os acordos entre grupos e indivíduos, as disputas e propostas para seduzir apoiadores, vêm sendo prática e regra no meio político, especificamente nos assuntos eleitorais. Tal qual o momento de polarizações políticas do Brasil atual, o poder de influência sobre decisões políticas sempre estivera presente, a partir da eficiência das redes de comunicação, informatizadas ou não. Os antigos, e assim também os romanos republicanos, construíram redes de apoio entre *gentes*, entre clientes e entre colégios religiosos.¹ A pergunta que fazemos é: seria possível mapear uma rede de comunicação na Antiguidade? Se pensarmos que todos os seres humanos viventes em sociedade deixam para trás rastros de suas ações e atividades, temos condições de mapear a forma como esses seres constroem e desenvolvem suas redes de comunicação, tanto nos tempos atuais, como no Mundo Antigo. Na maioria das vezes, a velocidade das informações veiculadas em uma rede de comunicação no meio social depende da eficácia com que essa rede é pensada e construída. Diferentemente do que pensamos hoje, de forma ingênua, sobre a política em cada sociedade, a maior parte das redes de comunicação estabelecidas em um momento de definições de comando e governabilidade de um grupo ou de um local são pensadas, construídas e moldadas para serem naturais e eficazes, como algo inerente às nossas ações.

Após observar aproximações e solicitações de apoio da plebe, realizadas por romanos anteriores à sua época, que foram atividades fracassadas e se tornaram exemplos de perigo à harmonia social, de modo estratégico Augusto e seus colaboradores ampliaram o que poderia ser a presença da *gens Iulia* em uma região da cidade, como era comum de acontecer, a todos os bairros (*uici*) de Roma. Nos 265 bairros de Roma,² o *topos* escolhido por Augusto para representar sua *gens* nos espaços públicos da cidade apresentava os feitos e as ações dos principais integrantes da *gens Iulia*. Dentre os

¹ Os *collegia* onde permaneciam os *magistri uici* eram associações, tais como clubes, que tinham regras em comum e eram administrados por alguns de seus integrantes eleitos. Havia *collegia* de toda sorte dentro dos bairros. Num nível ampliado, os colégios da *urbs* poderiam ser grandes colégios religiosos e com grande prestígio, como os dos sacerdotes de Júpiter, os *flamines Diales*; singulares, como no caso das virgens vestais; e de pequeno porte, como o *compitalicii collegium*.

² Seguimos a indicação de Plínio, o Velho (*Naturalis Historia*, 1, 36), sobre o número de bairros que existiam na cidade de Roma durante a reforma urbanística de Augusto.

símbolos cunhados por Augusto, que vão se relacionar com sua figura pública, estão: a *sidus Iulius*, estrela que simboliza o *diuus Iulius*; os *Rostra*, que, modificados, haviam sido inspirados em suas vitórias navais, principalmente a Batalha do Ácio, assim como centauros, golfinhos e cavalos marinhos; os arbustos de louros, ligados à divindade Apolo; os cisnes, também ligados a Apolo; a coroa cívica ou escudo de carvalho; o *clipeus uirtutis*, escudo da virtude, dado aos cidadãos romanos que salvaguardavam seus concidadãos; a deusa Vitória; Enéias, sustentando a ideia de refundação da cidade de Roma; e a *quadriga*, como representação máxima do montante de vitórias que obteve (ZANKER, 2010, p. 92). Para que fosse possível a difusão destes símbolos, seria necessária a aproximação com os bairros e principalmente com a plebe urbana que vivia neles. Muitas das disputas políticas eram iniciadas no interior dos bairros, ocasionalmente uma *contio* realizava esse papel.³ Por vezes, o protagonismo político ficava a cargo da presença de símbolos alinhados a uma *gens*, em outras, o apoio financeiro a atividades econômicas era fundamental para estabelecer essa presença, assim como as atividades de colégios religiosos de bairros e a preparação de rituais e festivais voltados a uma ou mais divindades eram essenciais. A rede se constituía na medida em que avançava a difusão dos símbolos escolhidos. Para isso, eram fundamentais: os atores sociais, o espaço e suas ações, que, em nosso caso, seriam os *magistri uici*,⁴ os *compita*,⁵ além do ritual dos *Lares Compitales/Augusti*.

A rede que nos propomos a mapear digitalmente se forma a partir das relações cotidianas de um dos festivais religiosos tradicionais romanos que dava bastante trabalho às autoridades e que, por conta de sua mobilização na cidade, gerava temor e desconfiança a setores políticos da República tardia. O festival das *Compitalia*, realizado na passagem de um ano a outro, fazia parte dos feriados móveis (*feriae conceptivae*), e poderia acontecer em fins de dezembro e início de janeiro. O festival que previa a realização de jogos (*ludi Compitalicii*), em honra às divindades *Lares Compitales*, tinha seu ponto auge no ritual, oficiado pelos *magistri uici*, com oferta de flores, bolos e pães, frutas e incensos às mesmas divindades. No momento do ritual, os *magistri uici* dispunham de altares para

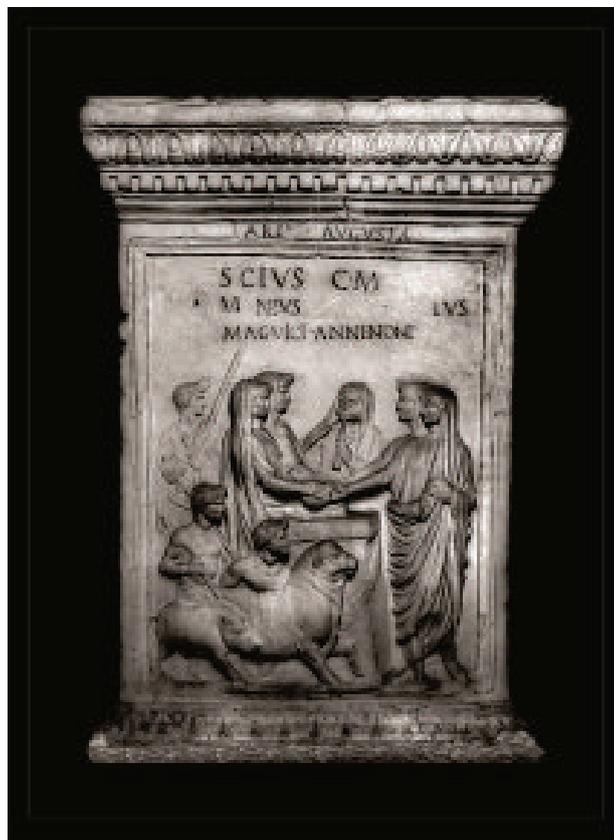
³ Segundo Hölkeskamp (2010, p. 102), uma *contio* poderia ser identificada como um local onde o ritual de comunicação era realizado pela nobreza romana, com o objetivo da construção retórica de um consenso entre as partes.

⁴ Os *magistri uici* eram oficiais do culto de Augusto, que, antes do ano 7 AEC, auxiliavam os *aediles* nos serviços administrativos e de manutenção dos bairros. Esse *magisterium*, ou chefia, incidia sobre toda a administração relativa aos bairros, ou seja, cuidado com a distribuição de água, o censo dos habitantes, o policiamento das ruas e o serviço de distribuição de grãos à população. Essa função foi expandida também para a esfera religiosa de modo oficial por Augusto no ano 7 AEC (Cassius Dio, *Historia Romana*, 55, 5-9). Os *magistri uici* e seus assistentes, os *ministri*, parte da plebe urbana, detinham condição jurídico-social variada, que incluía libertos, livres de nascimento e escravos (FLOWER, 2017; LOTT, 2004; GRADEL, 2002).

⁵ Santuários de esquinas e encruzilhadas espalhados pelos bairros das cidades romanas. Geralmente acompanhados de fontes de água potável e pequenos altares. Alguns em maior escala, como o reconhecido *Compitum Acilli*, podiam ter estrutura e proporções de um pequeno templo.

realizar as libações e oferendas às divindades. Esses altares, que por vezes são conhecidos como *Larenaltares*, trazem em seus lados cenas que: recriam a cena ritual que acontecia durante a homenagem às divindades *Lares Augusti*; apresentam os integrantes da *gens Iulia* em atividades religiosas e em cerimônias de investidura de cargos; exibem imagens dos antepassados ilustres da *gens*, das divindades *Lares* e dos oficiantes no exercício de suas funções, em conjunto com seus assistentes e do aparato necessário em um ritual, como podemos verificar na figura a seguir.

Figura 1 – Altar do *Vicus Aesculeti*, no qual é possível verificar a presença dos quatro oficiantes do bairro, os *magistri uici*, durante o festival das *Compitalia*



Fonte: Disponível em: <arachne.uni-koeln.de>. Código de busca: 3198212.

O festival, que chamava a atenção de candidatos e suas propostas, era extremamente popular. Por ser realizado em um dia em que todos estavam nas ruas, os candidatos aproveitavam para se aproximar da plebe, divulgar campanhas e ganhar apoio para suas propostas. Por diversas vezes, o festival foi suspenso do calendário; era comum que grupos políticos se aproveitassem da quantidade de servos e libertos nas ruas, influenciando-os com suas propostas e leis, e até mesmo agrupando-os para que fossem mobilizados em direção a uma *contio* (TAN, 2013, p. 124). Os *ludi compitalicii* foram proibidos após um

senatus consultum ultimum, em 64 AEC. No entanto, em 60 AEC, o festival é realizado, para depois ser suspenso mais algumas vezes (Cícero, *In Pisonem*, 7, 25; LOTT, 2004, p. 177). A última vez pelo próprio Júlio César. Restabelecer rituais que eram tradicionais no calendário romano anual já fazia parte da agenda de ações políticas de Augusto e seus colaboradores, bem como de suas interferências nos espaços de poder. Contudo, a intervenção nas atividades religiosas e rituais dos bairros da cidade possibilitou instituir uma aliança com a plebe com ares de pacificação.

O festival das *Compitalia* não era somente um ritual anual que unia a população da *urbs* em um dia *nefasto*.⁶ Por trás das festividades, encontravam-se questões cotidianas, conflitos políticos que se transformavam em conflitos locais, entre vizinhos poderosos e, muitas vezes, concorrentes na política e na vida econômica. Era sabido que *gentes* poderosas economicamente tinham propriedades em mais de um dos bairros na cidade, e que as ações nestes locais, além de depender do apoio dos *collegia*, também incidiam sobre as próprias *gentes*. Um colégio de bairro coordenava atividades políticas, religiosas e econômicas. A presença das *gentes* influenciava diretamente na forma como as relações de patronato eram construídas, interferindo na organização dos rituais e dos festivais religiosos, desde a *gens* principal, e com maior poder, até a escolha dos assistentes, os *ministri*, e, desse modo, delineando a rede político-religiosa que se formava a partir dessas ações e escolhas.

Como pensar a rede político-religiosa das *Compitalia*? A arte iconográfica estampada nos *compita*, a memória epigráfica e a tecnologia digital

O mapeamento digital da rede político-religiosa das *Compitalia* nos proporciona tornar visual, e com bastante clareza, as relações cotidianas, as ações políticas e religiosas que permeavam a vida na *urbs* do século I AEC. Neste caso, pensar uma rede político-religiosa implica em delimitar ações rituais e intenções de cunho político que tenham objetivos que podem variar entre aparentes e escusos.

O mapeamento da rede que propomos, em nossa investigação, somente é possível porque a pesquisa integra o campo científico *Digital Classics*. *Digital Classics* pode ser entendida como uma área, dada sua extensão e precisão atuais. Contudo, é mais uma aplicação de ferramentas advinda da área das *Digital Humanities* que possibilita a junção da tecnologia digital com a área de Humanidades (HOCKEY, 2004, p. 3-10). Atualmente,

⁶ Nos dias nefastos não era permitido, por lei divina, a realização de atividades relacionadas à justiça, e por serem considerados dias de mau agouro, não era indicada a realização de atividades comerciais.

a maior parte dos esforços para compilar e compartilhar documentos relacionados ao Mundo Antigo tem a tecnologia como aliada. A tecnologia digital é essencial à realização dos trabalhos científicos de história clássica.⁷ Esforços estes que se iniciaram em 1940 com o jesuíta italiano estudioso de Tomás de Aquino, Roberto Brusa (HOCKEY, 2004, p. 3-4). Em 1966, a criação do jornal *Language Resources and Evaluation*, hoje digital e *online*, especializado em *Digital Humanities, Computers and Humanities* (CHum), que funciona com uma proposta diferente, veiculou ao longo dos anos trabalhos na área de Humanidades, sendo fundamental na ampliação dessa área do conhecimento.

Em nossa investigação, o desafio é alinhar as informações textuais lacunares sobre o período em que houve a renovação do ritual do *Lares Augusti*, o escopo iconográfico e epigráfico selecionado, e a base de mapeamento do *Digital Augustan Rome* (CRANE, 2004, p. 46). Pensar uma rede de forma visual e transformá-la em uma rede tecnológica nos demandou unir o saber técnico à supervisão de uma analista de *software* e *design* gráfico, dados analisados e compilados do *corpus* documental, propostas interpretativas de espaço e projeções de cidade, uma boa base topográfica com adições de estudos sobre a cidade de Roma no período augustano, e hipóteses formuladas que pudessem dar conta de incoerências e lacunas documentais muito comuns nos estudos das sociedades da Antiguidade. Um mapa indica locais e suas probabilidades no espaço, auxiliando no preenchimento das lacunas informativas para, no fim, construir um máximo de precisão topográfica e expor os íterins da malha urbana. O mapa das *Compitalia* tem como objetivo unir as análises de circularidade de informações da política romana da época abordada e as disputas por espaços de poder na cidade.

O mapa em processo de construção, de modo a dar visibilidade e materialidade à reconstituição de uma rede que veiculava esses elementos simbólicos, utiliza os dados levantados pelo projeto *Digital Augustan Rome* – resultado dos trabalhos publicados na coletânea *Mapping Augustan Rome* –, dirigido por Lothar Haselberger (2007) em colaboração com David Gilman Romano.⁸ Alexander e Danowski (1990) nos fornecem uma melhor ideia do processo de análise social, os problemas e soluções em torno dele, quando aplicado à análise da Antiguidade, que nos auxiliará na criação do mapa e seus elementos. De acordo com Greg Woolf (2016, p. 45):

⁷ Um dos trabalhos mais notáveis dos *Digital Classics* foi o *Thesaurus Linguae Graecae*, que nasceu em 1972 com o objetivo de criar uma coleção digital de textos escritos em grego, da Antiguidade aos dias atuais (CRANE, 2004, p. 46-47).

⁸ O projeto interdisciplinar e internacional *Digital Augustan Rome* (DAR), hoje dirigido por David Gilman Romano, faz parte das atividades executadas pelo Laboratório de Mapeamento Arqueológico do Museu de Arqueologia e Antropologia da University of Pennsylvania, que desenvolve trabalhos similares desde 1984, contando com trabalhos de excelência em *Digital Humanities*. O site *Archaeological Mapping Lab*, da University of Arizona, apresenta os seis projetos atuais do Laboratório. O projeto, ainda em andamento, recebe a colaboração de diversos pesquisadores das mais variadas áreas científicas. Cf. <<http://archaeologicalmappinglab.org>>.

Certo número de estudos tem empregado a análise de rede social (SNA). Neste caso as pessoas são os nós, e suas relações umas com as outras demonstram a ligação estabelecida entre elas. Estas relações podem ser baseadas em parentesco, amizade, profissão, ou contatos de longa distância. Já que as pessoas tendem a estar mais no centro, e outras mais na periferia. Tipicamente na análise de rede social, nós encontramos indivíduos tendendo a se associar a grupos. Pessoas da mesma vila podem se conhecer criando uma conexão densa, enquanto outras podem ter conexões distantes, com pessoas que somente eles próprios conheçam. Isso acaba se tornando comum para diferenciar conexões e ligações por força – aquelas que conectam indivíduos que conhecem bem uns aos outros e interagem com frequência, como oposição a ligações mais fracas entre indivíduos que interagem menos frequentemente. Uma nuance nisto é diferenciar relações que são simples, baseadas em uma única relação, como entre um empregador e um empregado, das que são multivalentes, como entre primos que também moram perto um dos outros, trabalham juntos e participam da mesma igreja. Antropólogos são hábeis em produzir mapas detalhados de pequenas comunidades usando esse pequeno esquema. Isto também tem sido usado para mapear relações políticas na Antiguidade.

O conjunto de informações epigráficas contidas nos altares, bases, inscrições, tabelas e calendários nos possibilita vislumbrar o nome dos *magistri* e dos *ministri* e as datas de suas funções religiosas. Como esses registros eram dispostos e referendados nos altares, ao fim, os habitantes da cidade poderiam ter o conhecimento de quais homens estavam presentes e atuantes na fixação e veiculação dos símbolos da *gens* de maior representatividade política no espaço público. Como pode ser visto na Figura 2, os altares eram um certificado da autopromoção desses homens da plebe urbana e a possibilidade de criar e perpetuar as suas memórias.

Na parte superior do altar, a inscrição informa o nome do bairro, *Vicus Statae Matris* e o ano de ofício dos quatro *ministri* do bairro, no calendário dos bairros, o ano 6, no calendário vigente na cidade de Roma, o ano 2 AEC. Seus respectivos nomes aparecem na parte inferior do altar.

A análise desses nomes, dos anos de seus ofícios e da certificação de suas doações, promoverá, em conjunto com os dados topográficos, o mapeamento da rede político-religiosa do ritual no solo urbano e da extensão da influência da ideologia augustana sobre a cidade. Entender a importância, para um *magister vicus*, de ter seu nome e proveniência alinhados a essa rede de promoção de um novo sistema urbano e social é entender que sem essa assinatura não seria possível visualizá-lo em seu novo status e posição dentro da cidade, como ator social autônomo, dentro de uma lógica que de outro modo não poderia ser entrevista.

Figura 2 – Altar *Vicus Statae Matris*, inscrição 2, parte traseira



Nesta parte, podemos ver a inscrição com os nomes dos quatro *ministri* do bairro da deusa *Statae Matris* que ofereceram o altar ao bairro no ano VI do calendário dos *magistri uici*. Inscrição: VICI STATAE MATRIS MINISTRI ANNI VI. **Fonte:** Museu Capitolini, n. inv. 2144.

Na parte superior do altar, a inscrição informa o nome do bairro, *Vicus Statae Matris* e o ano de ofício dos quatro *ministri* do bairro, no calendário dos bairros, o ano 6, no calendário vigente na cidade de Roma, o ano 2 AEC. Seus respectivos nomes aparecem na parte inferior do altar.

A análise desses nomes, dos anos de seus ofícios e da certificação de suas doações, promoverá, em conjunto com os dados topográficos, o mapeamento da rede político-religiosa do ritual no solo urbano e da extensão da influência da ideologia augustana sobre a cidade. Entender a importância, para um *magister uicus*, de ter seu nome e proveniência alinhavados a essa rede de promoção de um novo sistema urbano e social é entender que sem essa assinatura não seria possível visualizá-lo em seu novo status e posição dentro da cidade, como ator social autônomo, dentro de uma lógica que de outro modo não poderia ser entrevista.

Montando o mapa da rede político-religiosa das *Compitalia*: o rastreamento das ações rituais dos *magistri uici*

Os *magistri uici* atuaram como oficiantes e administradores dos bairros a partir das reformas urbanísticas da cidade de Roma engendradas por Augusto, tendo em vista que

a investidura do cargo de *pontifex maximus* logo após a morte de Lépido, no ano 12 AEC, lhe dava a autoridade e liberdade para executar mudanças no solo da cidade e indicar administradores para supervisionar esses locais.

Partindo do princípio que a atuação desses homens na cidade teria um registro, entendemos que é possível rastreá-los. Nesse sentido, buscamos todas as informações sobre a posição dos oficiantes dos *Lares* e a que *gentes* e atividades estavam vinculados em cada bairro. A padronização do festival das *Compitalia* com a integração da própria essência divina de Augusto, seu *genius*, e de seu epíteto, *augustus*, às divindades gêmeas filhos de *Mercurio*, os deuses *Lares*, confirma o alinhamento de grande parte dos oficiantes datados e registrados como clientes e colaboradores das ações do pontificado de Augusto. Desse modo, a reforma passa a ter outro sentido. Com ares de pacificação política, e demonstrando a intenção de restabelecer serviços básicos da cidade, assim como restaurar e embelezar suas partes, as reformas urbanísticas augustanas, em um esforço de restabelecer a ordem, conseguiram incluir a plebe urbana nas atividades rituais e administrativas oficiais. É possível perceber que as reformas realizadas por Augusto e seus colaboradores indicavam a projeção da construção de uma cidade ideal, de uma Roma ideal.

Os documentos selecionados para auxiliar na confecção do mapa nos ajudam a delimitar os bairros (*uici*), os santuários (*compita*) e identificar os oficiantes (*magistri uici*) e seus assistentes (*ministri*). O *corpus* documental foi dividido em três seções:

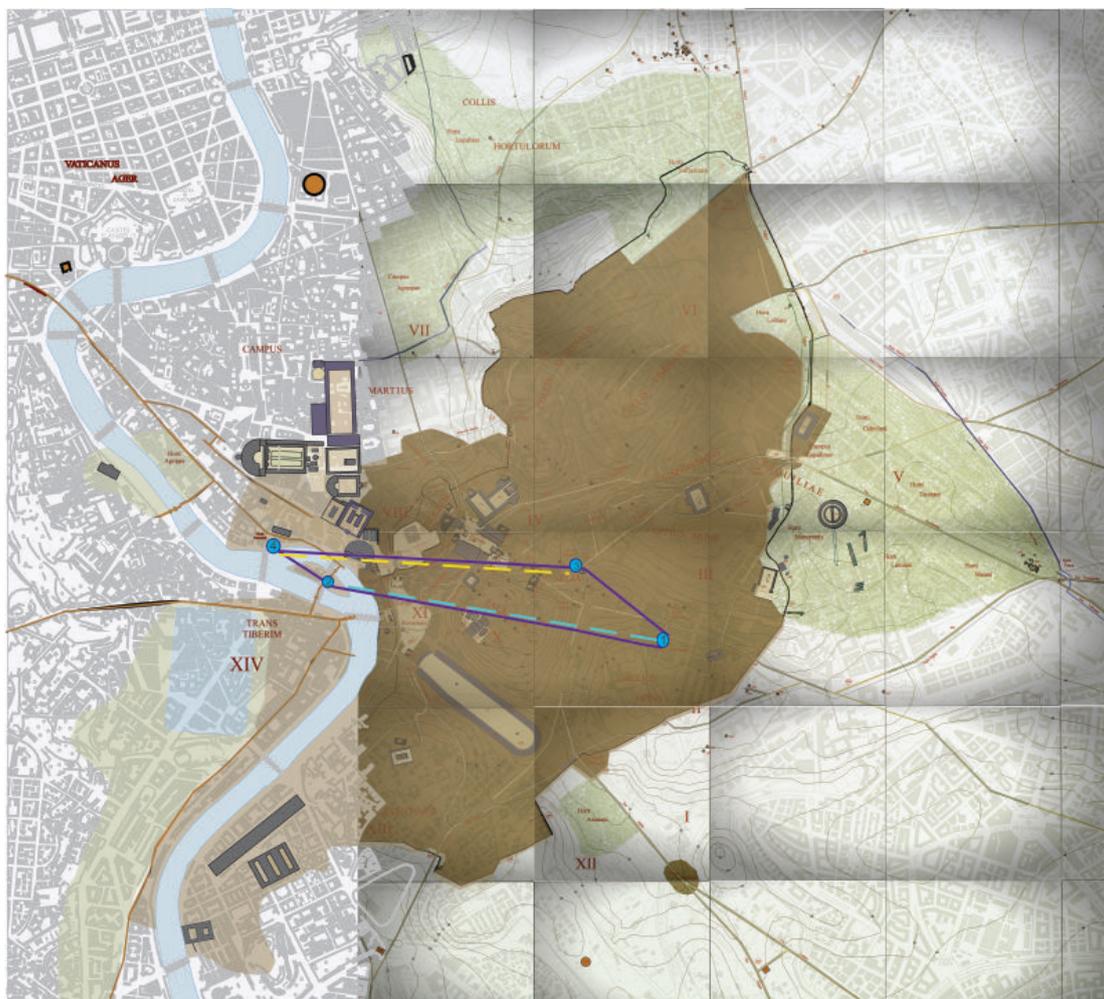
1) *Documentação epigráfica e iconográfica*: a) *grandes altares*, nos quais serão trabalhadas representações dos *aurea templa*, os altares de grandes dimensões votados e inaugurados durante o principado augustano; b) *pequenos altares*, que correspondem aos chamados *larenaltares* ou altares de esquinas, ricamente adornados com símbolos do ritual dos *Lares Compitales/Augusti* e referências aos acontecimentos da *gens Iulia*, encomendados para serem utilizados durante o festival das *Compitalia*.

2) *Documentação epigráfica*: composta de bases de estátuas e/ou grupos escultóricos de mármore e de pedra que foram usados para conter as inscrições que tinham como objetivo legendar a estátua da(s) divindade(s) que viria(m) acima ou o próprio altar. Único na segunda seção está o *Fasti Magistrorum*, um calendário de mármore supostamente criado pelo colégio *compitalici* de um bairro, que traz em sua face uma lista (com lacunas) dos nomes dos *magistri*, seus bairros e a data em que exerceram suas funções.

3) *Documentação textual*: textos clássicos com proximidade à época trabalhada, elucidativos quanto aos acontecimentos, assim como quanto à disputa de espaços de poder, a partir dos locais de fala desses escritores, alguns deles colaboradores dos esforços do próprio Augusto.

A priori, percebemos que seria necessário refazer, ou seja, vetorizar todo o mapa *Digital Augustan Rome (DAR)*, pois, para além de tratar-se de uma imagem de baixa resolução, para alcançar nosso objetivo de demarcar os nós de uma rede sobre ele, precisaríamos ter um quadro de legendas completo do mapa e o DAR não possui tal quadro. Além disso, algumas partes ainda não foram identificadas pelos pesquisadores, outras não estão incluídas no mapa, mesmo já havendo estudos sobre elas, e algumas demarcações carecem de legendas.

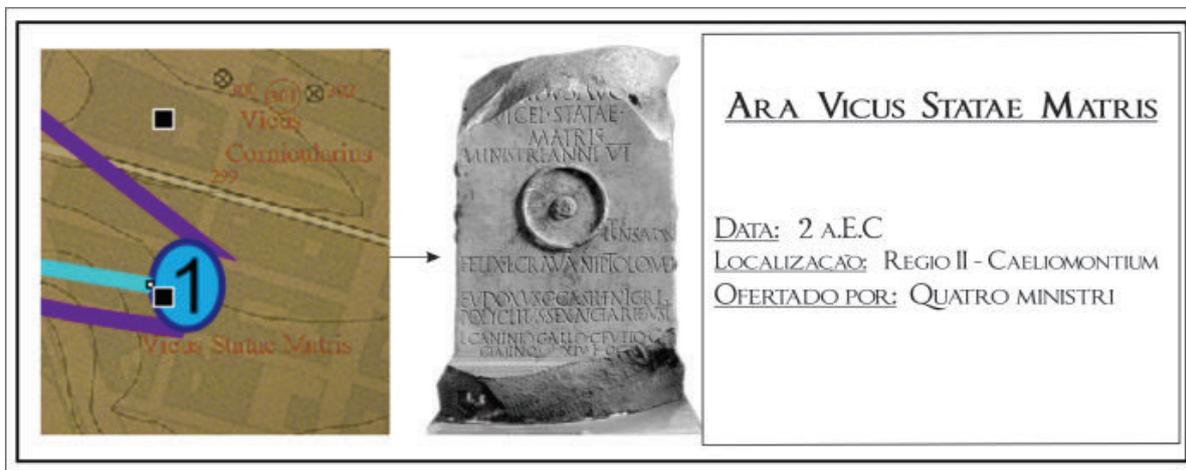
Figura 3 – Mapa da cidade de Roma, a partir da base do DAR, no qual apresentamos o processo de reconstituição vetorial do mapa, contando com 40% já vetorizado, cito a parte cinza mais clara ao lado esquerdo



-  Rede político-religiosa, ligando (nesta imagem) quatro *larenaltares*.
-  Altares encomendados por *magistri*. Há variação das datas. O objetivo é especificar qual função tinha o doador do altar e do *compitum*. Neste caso, no nº 3 temos o *Compitum Acili*, e no nº 4 o altar do *Vicus Aesculeti*.
-  Altares encomendados por *ministri*. Novamente, há variação das datas. Neste caso, no nº 1 temos a *ara Vicus Statae Matris*, e no nº 2 a *ara do Vicus Censorius*.
-  Posicionamento dos altares nos bairros.

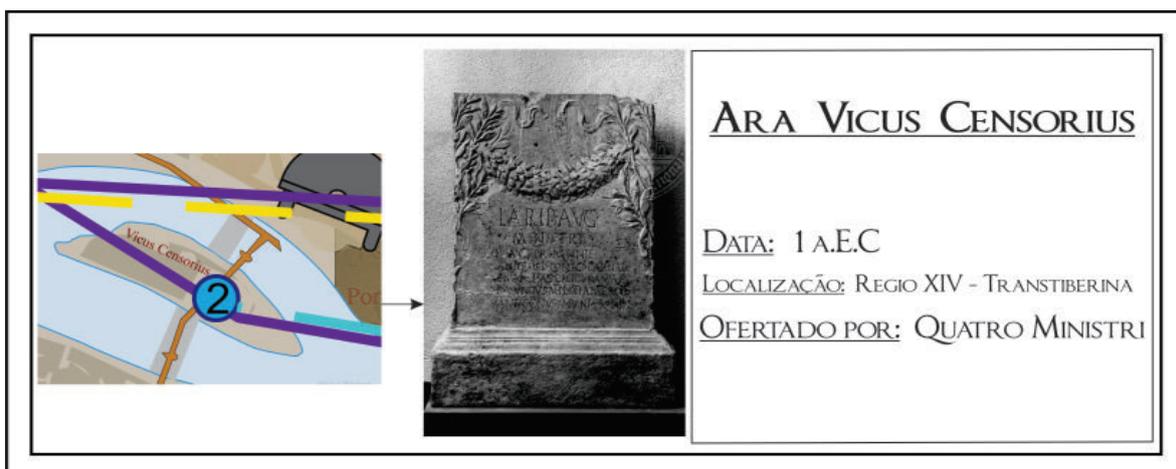
Na Figura 3, é possível verificar que, do lado direito, as construções e as ruas tornam-se incompreensíveis devido à baixa resolução da imagem. Após tentativas falhas de obter o mapa DAR em alta resolução, foi necessária a reconstituição do referido mapa. Seguindo a legenda, os pontos 1, 2, 3 e 4, nos levam a espaços rituais no interior dos bairros somente identificados por conta da documentação material, dos altares, das partes de bases de estátuas, das arquitraves do *compitum* e do fragmento do altar. As fichas a seguir contêm a imagem de localização no mapa, a imagem do referido altar e os dados referentes a cada altar.

Figura 4 – Ficha 1, Vicus Statae Matris

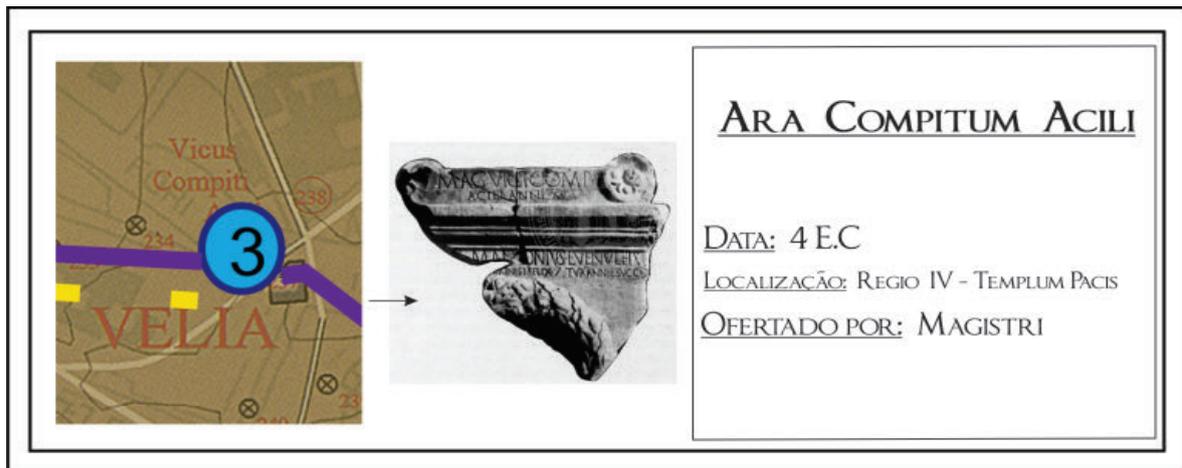


Fonte: Imagens disponíveis na página: <<https://arachne.uni-koeln.de/drupal/>>. Código de busca: 57000.

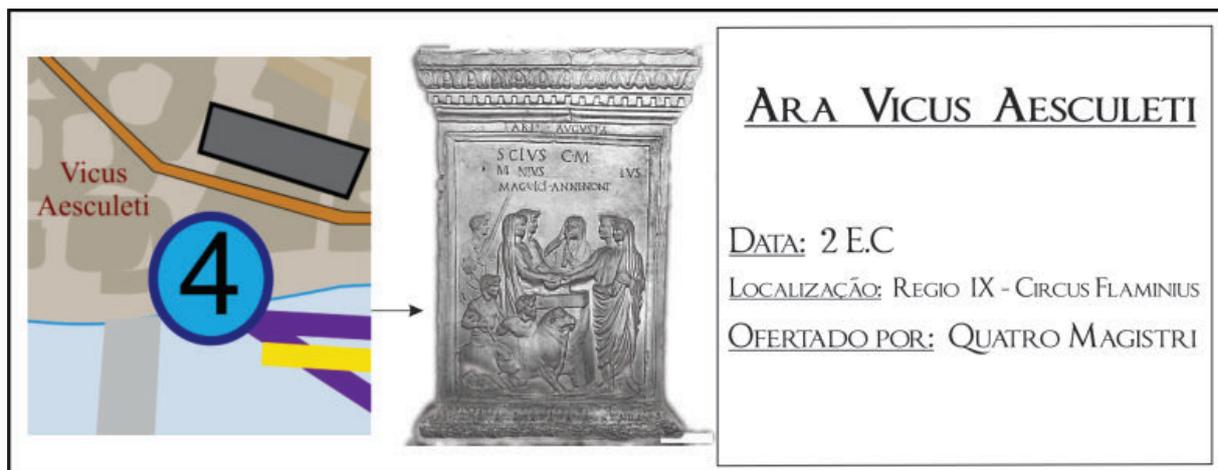
Figura 5 – Ficha 2, Vicus Censorius



Fonte: Imagens disponíveis na página: <<https://arachne.uni-koeln.de/drupal/>>. Código de busca: 131500.

Figura 6 – Ficha 3, *Compitum Acili*

Fonte: Imagens disponíveis na página: <<https://arachne.uni-koeln.de/drupal/>>. Código de busca: 131488.

Figura 7 – Ficha 4, *Vicus Aesuleti*

Fonte: Imagens disponíveis na página: <<https://arachne.uni-koeln.de/drupal/>>. Código de busca: 3198212.

A Figura 8 demonstra o progresso da vetorização do mapa das *Compitalia* com base no DAR. As cores e a opacidade foram ajustadas, principalmente o branco e o cinza, com o intuito de possibilitar uma melhor visualização das vias da cidade. A figura abaixo representa o início da reconstituição de cem por cento do DAR, com o objetivo de incluir e identificar os bairros ainda não sinalizados em sua base.⁹

⁹ Para suprir essas dificuldades, utilizamos os trabalhos de Favro (1996; 2005), de Coarelli (2007) e os manuais topográficos listados a seguir: *A topographical dictionary of ancient Rome* (1929), *A new topographical dictionary of ancient Rome* (1992), *Lexicon topographicum urbis Romae* (1995a; 1995b; 1999; 2000) e *Forma urbis Romae* (Plano de Mármore Severano). Desse modo, a partir das informações dessas obras, resolvemos recriar alguns dos bairros, como, por exemplo, o *Vicus Compitum Acilii*.

Figura 8 – Processo de vetorização do DAR

Fonte: Adaptado do DAR.

Considerações finais

O objetivo da elaboração do mapa é identificar a rede político-religiosa das *Compitalia*, sobretudo a partir da localização dos símbolos da *gens Iulia* e dos atores sociais que realizavam o festival, os oficiantes e seus assistentes. As possibilidades são muitas. Os esforços atuais que integram a busca por estudos mais acurados das malhas urbanas nas cidades da Antiguidade criaram a necessidade de atentarmos para os pequenos espaços desses locais. Não temos mais como protagonistas grandes espaços urbanos, reconhecemos que os pequenos microcosmos dentro dos espaços urbanos antigos são essenciais para entender o seu funcionamento.

Muitos trabalhos mapearam grandes pompas fúnebres e procissões religiosas, e esses trabalhos foram (e ainda são) fundamentais para destacar espaços das cidades que se encontravam no caminho das grandes procissões e sua importância para a realização destas. Mas, por outro lado, o estudo dos bairros cresce a cada ano, uma vez que tais pesquisas são essenciais para dar sentido de movimento e recomposição aos documentos encontrados e às informações deles extraídas. Esperamos que, com a conclusão do mapa aqui referido, produto da tese de doutorado que desenvolvemos desde 2016, as informações sobre os *magistri uici*, a inserção da plebe urbana como atuante no calendário oficial da cidade, a rede de patronato estabelecida por Augusto, usando como base a tradição ritual, as reformas urbanísticas e as disputas por espaço de poder possam estar acessíveis a todos os pesquisadores que tenham interesse no assunto.

Referências

Documentação textual

- CICERO. *Pro Milone. In Pisonem. Pro Scauro. Pro Fonteio. Pro Rabirio Postumo. Pro Marcello. Pro Ligario. Pro Rege Deiotaro*. Translated by N. H. Watts. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- DIO CASSIUS. *Roman History: Books 51-55*. Translated by Earnest Cary and Herbert B. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1917. v. VI.
- PLINY. *Natural History: Books 1-2*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1938. v. I.

Documentação arqueológica e visual

- ARACHNE. German Archaeological Institute. Archaeological Institute of the University of Cologne. Available in: <<https://arachne.uni-koeln.de/drupal/>>.
- DIGITAL AUGUSTAN ROME. University of Arizona, Archaeological Mapping Lab. Available in: <<http://digitalaugustanrome.org/>>.
- FORMA URBIS ROMAE. Stanford Digital Forma Urbis Romae Project. Available in: <<https://formaurbis.stanford.edu/>>.
- VICUS STATAE MATRIS. Roma, Musei Capitolini, Centrale Montemartini, inv. 2144.

Obras de referência

- COARELLI, F. et al. *Lexicon topographicum urbis Romae: Gli scavi di Roma, 1922-1975*. Roma: Quasar, 2006. s. II.2.
- COARELLI, F. *Lexicon topographicum urbis Romae: Gli scavi di Roma 1878-1921*. Roma: Quasar, 2004. s. II.1.
- PLATNER, S. B. *A topographical dictionary of ancient Rome*. Completed and presented by Thomas Ashby. London: Humphrey Milford; Oxford University Press, 1929.
- RICHARDSON Jr., L. *A new topographical dictionary of ancient Rome*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- STEINBY, E. M. (Ed.). *Lexicon topographicum urbis Romae: A-C*. Roma: Quasar, 1995a. v. 1.
- STEINBY, E. M. (Ed.). *Lexicon topographicum urbis Romae: D-G*. Roma: Quasar, 1995b. v. 2.
- STEINBY, E. M. (Ed.). *Lexicon topographicum urbis Romae: P-S*. Roma: Quasar, 1999. v. 4.
- STEINBY, E. M. (Ed.). *Lexicon topographicum urbis Romae: T-Z*. Roma: Quasar, 2000. v. 5.

Obras de apoio

- ALEXANDER, M.; DANOWSKI, J. A. Analysis of an ancient network. Personal communication and the study of social structure in a past society. *Social Networks*, n. 12, p. 313-335, 1990.
- COARELLI, F. *Rome and environs: an archaeological guide*. California: University of California Press, 2007.
- CRANE, G. Classics and the computer: an end of the History. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.). *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 46-55.
- FAVRO, D. Making Rome a World City. In: GALINSKY, K. (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 234-263.
- FAVRO, D. *The urban image of Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FLOWER, H. *The Dancing Lares and the Serpent in the Garden: religion at the Roman street corner*. Princeton: Princeton University, 2017.
- GRADEL, I. *Emperor worship and Roman religion*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- HASELBERGER, L. *Urbem Adornare: Rome's urban metamorphosis under Augustus*. Portsmouth: Journal of Roman Archeology, 2007.
- HOCKEY, S. The History of Humanities Computing. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.). *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 1-19.

-
- HÖLKESKAMP, K.-J. *Reconstructing the Roman Republic: an ancient political culture and modern research*. Princeton: Princeton University Press, 2010.
- LOTT, J. B. *The neighborhoods of Augustan Rome*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- TAN, J. Publius Clodius and the boundaries of the *contio*. In: STEEL, C.; VAN DER BLOM, H. (Ed.). *Community and communication: oratory and politics in Republican Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 117-132.
- WOOLF, G. Only connect? Network analysis and religious change in the Roman World. *Hélade*, v. 2, n. 2, p. 43-58, 2016.
- ZANKER, P. *The power of images in the Age of Augustus*. Michigan: University of Michigan Press, 2010.